

CONFRONTO

## 50 anos depois

Quantos são, neste instante, os verdadeiros artistas do Brasil? A julgar pelos que estão vendendo no indisciplinado (e crescente) mercado interno, algumas centenas. Mas, a julgar pelos que conseguiriam viver do mercado internacional, quando muito seriam uns quatro ou cinco.

Entre essas cifras contraditórias, o crítico Roberto Pontual — autor de um "Dicionário das Artes Plásticas" com mais de 3 200 verbetes — acaba de pro-



JOÃO BITTAR

José Paulo: condições inéditas

por uma terceira. Convidado para selecionar, apresentar e montar uma exposição comemorativa da Semana de 1922 ("Arte/Brasil/Hoje/50 Anos Depois", Galeria Collectio, São Paulo), Pontual escolheu 175 artistas, cujos trabalhos estarão reunidos até o fim do mês. Sua intenção não foi, por certo, fazer um retrato exaustivo, que ignorasse a qualidade das obras expostas. Mas a partir do próprio título esta mostra pretende ser pelo menos uma espécie de radiografia orientada do quadro artístico atual, com suas diversas tendências e possibilidades de opções.

**Critérios** — Voltada sobretudo para o terreno dos leilões (onde detém uma parcela de pelo menos 50% do movimento global), só há alguns meses a Collectio decidiu entrar também para a área da galeria e da exposição individual. "Arte/Brasil/Hoje" é sua segunda realização

no setor, e pretende homenagear a Semana de Arte Moderna de 1922 de uma forma diferente. "O caráter apenas comemorativo não me agradava, porque termina sendo um jogo de vazio dentro do vazio", explica Pontual. "E a própria Collectio não queria marcar a data apenas com louvor ou negação. Verificamos que a maior parte do enfoque da Semana se fazia em termos de puro passado. Preferimos estabelecer relações com o presente, interessando-nos pelo que se faz hoje e criando paralelos entre as datas limites de 1922 e 1972."

Para isso, Pontual viajou por todo o Brasil durante quase um ano, entrando em contato pessoal com os artistas e escolhendo, em seus ateliers, um trabalho recente de cada um. "Posso assegurar que nunca dispus de condições profissionais tão adequadas para a concretização de qualquer tarefa", diz ele. Além de dar essas condições, José Paulo Dominguez, o dono da Collectio, decidiu também comprar por antecipação todos os quadros e editar um livro com 175 reproduções, textos críticos, dados biográficos, etc.

O investimento total (livro, viagens e compras) chega a 1,1 milhão de cruzeiros — dos quais 200 000 já foram recuperados com a venda de quarenta obras, na primeira semana da exposição.

**Visões** — Planejada e realizada de forma inédita, "Arte/Brasil/Hoje" tem características bastante específicas e não deve ser julgada pelos padrões usuais. A acusação de que é incompleta — repetida por mais de um observador atento — é sem dúvida exata. Mas em nenhum momento ela anunciou outra intenção.

Mesmo porque — como observa Pontual — "se trata de uma escolha, da minha visão pessoal do que constitui e significa a arte brasileira hoje. Qualquer outra pessoa teria visão distinta, acrescentando ou retirando nomes. Desejamos dar à mostra um sentido definido, mas ninguém esperava absoluta isenção. Nem sei se existiriam essas coisas, quando o que termina mesmo vigorando é o gosto e a opinião".

Em compensação para as ausências, a exposição oferece uma visão de conjunto que as outras coletivas tradicionais (como os salões) não podem garantir, devido à sua alquimia de júris, contestações, prêmios em disputa, etc. Por exemplo, não há nenhuma dúvida, também, de que "Arte/Brasil/Hoje" é mais representativa e melhor do que a última Pré-Bienal ou o Salão Nacional de Arte Moderna. Nem poderia ser de outro modo, com a garantia de nível representada pelo comparecimento de excelentes artistas consa-

grados, como Volpi, Fayga Ostrower, Darel, Maria Bonomi, Tomie Ohtake, Ana Letycia, Rubem Valentim, Antônio Maia, Krajcberg, Franz Weismann, Ivan Serpa, Iberê Camargo, Lygia Clark — que, por motivos diversos, não estariam presentes em outras manifestações.

**Posições** — O mais importante de "Arte/Brasil/Hoje", entretanto, é a definição clara de qualidade que a colocação lado a lado de tantos quadros e de tão diversas tendências inevitavelmente propõe.

Nesta mostra híbrida (cuja constante única — a presença só de artistas vivos — acabou quebrada pela morte da



Pontual: o gosto e a opinião

pintora Grauben depois de já incluída no conjunto), quem é bom aparece de fato muito bem. Muitos artistas jovens (como Carlos Alberto Fajardo, Cláudio Tozzi, José Lima, João Carlos Galvão, Áquila Rocha Miranda, Luís Paulo Baravelli, Mário Cravo Netto, Sérgio de Paula, Tomoshige Kusuno, Tuneu e Vanda Pimentel) apenas confirmam seu talento. Mas, por outro lado, certos artistas antigos estão tão mal representados que surge a desconfiança de se já não seria hora de se retirarem para um ócio digno — incluindo Tarsila, Bonadei, Djanira, Cícero Dias, Penacchi, John Graz e Di Cavalcanti. Por fim, alguns nomes discutidos por boa parte da crítica brasileira — como os de José de Dome, Lula Cardoso Ayres, Teruz, Clóvis Graciano, Carybé, Jenner Augusto, etc. — continuam apenas — e muito claramente — discutíveis.

● Olívio Tavares de Araújo





João Câmara Filho



Gilvan Samico



Reynaldo Fonseca





Hércules Barsotti



Rubem Valentim



Iberê Camargo



Vanda Pimentel